

SOMBRAS: DE PROJEÇÕES A SUJEITOS DO UNIVERSO LITERÁRIO

Marcelle Ferreira Leal¹ (UFRJ/CAPES)

À primeira vista a sombra parece irrelevante aos domínios estéticos e epistemológicos das sociedades ocidentais e ocidentalizadas, visto que os valores destes povos se inscrevem ao redor das esferas do luzente. No entanto, quando nos aproximamos dos estudos sobre esta silhueta, percebemos que ela consiste em um instrumento de descoberta relevante para o Ocidente. No que concerne à Literatura, especificamente, observa-se que ela aporta metaforicamente para a construção do texto quando parte dele e enriquece o cenário desta arte quando se torna um sujeito ativo de sua constituição.

Palavras-chave: sombra; literariedade; escrita de mulheres negras.

A formação física da sombra se justifica pela interposição de um objeto opaco entre uma fonte de luz e um anteparo. O bloqueio dos raios luzentes gera uma região menos iluminada e, por isso, mais enegrecida cujos domínios inscrevem o perfil do corpo que a projeta. De acordo com a posição dos elementos em questão, a forma umbrosa ganha dimensão e intensidade distintas e demonstra que, nem sempre, a silhueta se mantém fiel aos contornos daquele que lhe dá vida. Tendo em vista o aspecto incorpóreo e monocromático deste duplo e a falta de utilidade aparente, à primeira vista acredita-se que esta figura é dispensável para os domínios estético-epistemológicos da sociedade ocidental. Porém, basta um percurso breve sobre o trabalho de pesquisadores que se dedicam ao tema para compreender a sua relevância para áreas diversas e entender, como afirma Roberto Casati (2001), que a sombra consiste em um instrumento de descoberta notável.

Em *A descoberta da sombra: De Platão a Galileu, a história de um enigma que fascina a humanidade*, o filósofo italiano mencionado explora a história da figura em questão com o fim de resgatar o valor das sombras nas sociedades orientais quanto nas ocidentais e ocidentalizadas, ainda que se concentre nas últimas. Vale lembrar que os primeiros saberes astronômicos da Antiguidade grega se revelam através do jogo entre luz e sombra. De igual maneira, ainda em tal contexto, mensura-se a altura das pirâmides a partir da projeção umbrosa que lançam. Ainda que a cultura do Ocidente a tenha relegado a um plano secundário em relação à esfera da luz, verifica-se que em âmbitos diversos este duplo constitui um meio de conhecimento. Por isso, o autor percorre áreas como a astronomia, a psicologia, a filosofia, entre outras, para desbravar a presença e importância desta silhueta.

A arte não escapa de suas análises e, por isso, ainda na obra citada, há menções à aparição da

¹ Marcelle Ferreira Leal é doutora em Teoria Literária pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e foi bolsista CAPES no período de doutoramento. Contato pelo e-mail: marcelleleal@gmail.com

sombra na literatura e na pintura. No entanto, no campo estético, merece destaque o livro *Breve historia de la sombra*, de Victor I. Stoichita. O professor da Universidade de Friburgo, na Suíça, debruça-se sobre a história da pintura com o objetivo de averiguar o lugar da sombra na representação figurativa. Através de um percurso ao longo da tradição pictórica ocidental, que se inicia com o mito da origem de Plínio, o Velho, e se prolonga até a modernidade de Andy Warhol, o pesquisador sugere a abordagem de uma perspectiva sobre esta arte sob o prisma do sombrio em contraponto ao predomínio da apreciação do luzente presente nas obras. O estudo do autor corrobora o valor do perfil umbroso na esfera da representação e nos convida a empreender uma crítica a partir de um enfoque diferente daquele que herdamos.

Conforme se observa, os estudos sobre a figura enigmática evidenciam que ela não compreende uma entidade negativa e tampouco inferior ou secundária em relação à luz. Diferente do que se anuncia em uma das fontes na qual a teoria do conhecimento das culturas ocidentalizadas bebe, o mito da caverna de Platão, as sombras não se reduzem a aspectos ilusórios, destituídos de caráter epistemológico e meras aparências da realidade. Quando devidamente analisadas, isto é, por meio de uma abordagem que se destitui dos conceitos prévios que as circundam e em diálogo com a própria estrutura que as compõem, elas exibem a potência de suas contribuições para a construção do conhecimento e da representação do mundo. Consequentemente, denunciam a negligência dos sujeitos do saber quando se trata da seu exame, uma vez que ocupam, historicamente, um lugar subordinado e invisibilizado.

Considerando o apresentado, suscita-se uma questão: a sombra é relevante no escopo da Literatura? Sabe-se que, enquanto manifestação imagética, ela configura um recurso fecundo para o contexto pictórico, porém nos encaminhamos em direção à reflexão sobre tal importância na esfera das letras. Em vista disso, no rastro de Victor I. Stoichita, propomos a elaboração da tese *Poéticas da sombra: de projeções a sujeitos da literatura* com o objetivo de perscrutar a relevância de tal componente para o campo literário. A tese defendida no mês de setembro de 2017 se empenha em desvelar não apenas a forma pela qual se efetiva a sua representação, mas também explorar as sombras que a referida arte lança ao longo de sua formação. Logo, a apresentação proposta almeja exibir um panorama breve da investigação bem como um recorte sobre a segunda parte da pesquisa intitulada “as sombras da literatura” enfatizando as estratégias pelas quais as projeções se fazem sujeitos ativos do universo literário.

Visando à valorização do trabalho daqueles que antecederam tal análise, a primeira parte da tese nomeada “Caminhando pelo vale das sombras” dedica-se ao resgate de outros estudos sobre o tema. Como já mencionado no presente texto, destacam-se as pesquisas de Roberto Casati e Victor I. Stoichita, mas é preciso assinalar a visão de outros autores como Junichiro Tanikazi cujo livro *Em louvor da sombra* se concentra na abordagem oriental sobre o assunto e o estudo “La sombra en la

literatura moderna. Un pequeño panorama”, de Sabine Haupt, fruto da sua apresentação no simpósio internacional *Para una historia cultural de la sombra* realizado, em 2009, em Madrid. Em consonância com os autores citados, corrobora-se o valor epistemológico e estético deste elemento para distintas sociedades, inclusive as ocidentalizadas, que historicamente a relegam a um espaço coadjuvante.

Após a revisão bibliográfica, verifica-se a necessidade de pesquisar os vestígios da natureza da sombra. Digo, os contextos que explicitam a concepção e a abordagem sobre a essência desta espécie de duplo nos espaços ocidentalizados onde concentramos a investigação. Assim, percorremos os caminhos das cosmogonias, da etimologia, das teorias científicas, entre outros, em busca das terras nas quais germinam as ideias que a sustentam neste universo. É preciso assinalar, antes de seguir, a dificuldade de explorar traços pertencentes aos domínios que escapam aos discursos institucionalizados, como os mitos originários sobre o nascimento da sombra para alguns povos indígenas, tanto pelo tempo restrito disponível para a elaboração de uma tese quanto pela dificuldade de acesso a materiais e diálogos que propiciem o encontro com estas narrativas.

Finalmente, chegamos à relação mais estreita com a arte que nos interessa. No capítulo nomeado “Sombras na literatura” o trabalho se inclina para o estudo da representação da silhueta no texto literário. À luz dos escritos de Sabine Haupt, compreendemos que a conexão entre a sombra e o corpo que a gera é relevante para o debate, sendo assim, levantamos obras distintas nas quais este duplo constitui um item esteticamente significativo. Entre obras múltiplas, selecionamos três textos que, apesar das diferenças formais e do intervalo de tempo que as separam, representam maneiras diferentes da associação entre a estrutura física e a sua projeção. A seleção também se justifica pelos períodos literários nas quais elas se inserem demonstrando um vínculo estrito do uso estilístico da figura com o ambiente social na qual o texto está imerso.

A *Comedia*, de Dante Alighieri, é o primeiro texto escolhido para apreciação crítica. Na viagem de Dante e Virgílio, destaca-se o elo da sombra com os âmbitos da religião e da ciência. Sobre a primeira, observa-se o caráter animístico da silhueta. Com exceção do *Paraíso*, onde os seres são compostos por luz, as personagens do poema dantesco são majoritariamente sombras. A explicação sobre tal natureza está justificada no canto XXV do *Purgatório* quando Estácio esclarece o processo da formação da alma que, por seu aspecto, é nomeada sombra após a designação do seu destino. Por sua vez, no que tange à ciência, é notória a inserção da perspectiva no canto III, ainda no *Purgatório*, quando, diante do Sol, Dante não encontra a sombra do guia que o acompanha. Marca-se a posição da projeção, além de delimitar a ausência de materialidade de Virgílio. Este cotejo com o religioso e o científico refletem a sociedade da época, visto que a Europa experimenta a transição da Idade Média para o Renascimento, isto é, há um trânsito da primazia dos valores da Igreja em direção aos da ciência.

Posteriormente, a busca pela presença da sombra na literatura se dirige para o cenário do Romantismo Alemão através da novela *A história maravilhosa de Peter Schlemihl*, de Adelbert von Chamisso. Na trama, o protagonista vende a própria sombra para uma figura mefistofélica em troca da bolsa de Fortunato, de onde pode retirar todo o dinheiro que desejar infinitamente. O câmbio, que seria um facilitador para a sua inserção social, torna-se um pesadelo na medida em que a personagem entende que a falta da projeção gera estranheza e medo nos demais. Diferente do uso da sombra como um elemento em si, quando a sombra nasce da separação com o corpo, tal como vimos em Dante, a narrativa de Chamisso atrela a silhueta ao corpo até o momento em que o dono consente em separá-los. Enquanto objeto, ela se transforma em mercadoria e, através de uma análise de cunho marxista, entende-se que a trama de Schlemihl elucida as questões de uma sociedade cuja crença reside na ideia de que o dinheiro é o valor supremo e, por isso, passível de substituir qualquer outro tipo de bem, seja ele material ou imaterial.

Por fim, chegamos ao texto que dá cabo à primeira parte do estudo: *A história de Julia e sua sombra de menino*, de Christian Bruel e Anne Galland. O enredo está ao redor do drama de Júlia, uma menina que não performatiza o gênero que a sociedade lhe atribui. Constantemente repreendida pelos pais por conta do seu comportamento, ela percebe em determinado momento da trama que projeta uma sombra de menino. Esta presença a incomoda e Júlia decide cavar um buraco, visto que no escuro poderia se livrar da companheira indesejada. Durante a abertura do refúgio, ela conhece um menino que passa pelo mesmo problema. Eles conversam sobre a dor de um indivíduo não poder se manifestar tal como deseja e trazem à tona, em uma linguagem acessível a crianças e jovens, aspectos relevantes para o debate sobre identidade em voga na Modernidade. No livro de Bruel e Galland, a sombra está atada ao corpo, mas não reproduz o perfil deste que a gera.

Tendo em vista o apresentado, notam-se três usos estilísticos diversos da Sombra na Literatura. Isto é, como: uma unidade animística ativa, um elemento em si que nasce a partir da morte do corpo; um objeto dissociável da estrutura física; e uma parte daquele que o gera sem, necessariamente, corresponder aos seus domínios. É notório que a figura em questão contribui esteticamente para a composição das obras. A riqueza metafórica que lhe é intrínseca soma para a construção polissêmica dos textos em que se insere e, portanto, verifica-se que a sua aplicação é de grande valia para o âmbito literário. No entanto, uma questão se coloca: Onde está a voz da sombra? Afinal, a primeira parte do trabalho concentra-se em analisar a sua manifestação no próprio texto.

Com o fim de escutar a voz das sombras, entende-se que é preciso fazer um movimento do norte em direção ao sul e buscar a literatura que está à sombra do cânone. Lembra-se que a formação do corpo literário que se institui como hegemônico em países como o Brasil, que

escolhemos como foco de nossa análise, toma como base o produzido pela Europa e esta é uma das primeiras projeções que motivam o nosso giro. Ademais, devido ao genocídio dos povos originários das terras austrais promovido pelos invasores e a reinscrição de uma história organizada em moldes patriarcais e cunhada pela escravidão, o sistema social vigente, a partir de então, estabelece-se de forma hierárquica. Assim, comandada majoritariamente por um tipo social específico e em pequeno número, a elite não só se encarrega das decisões político-econômicas do país, mas também impõe ao seu gosto – com influência expressiva das artes europeias - o modelo legitimado das formas culturais, entre as quais está a literatura.

Consoante o exposto, a constituição do cânone da literatura brasileira se faz aos moldes europeus. Ela é gerida e construída, de forma majoritária, por homens brancos pertencentes às classes altas. Interessa-nos, na investigação realizada, aqueles que escapam da estrutura que se solidificou como o padrão. Isto é, a arte literária produzida não apenas pelos povos do sul, mas, principalmente, por grupos que – após a destruição e reconstrução da história do seu país– ficaram à margem da estrutura social. Entre tantos que podem ser citados, escolhemos a literatura produzida *por e sobre* mulheres negras, tendo em vista que elas constituem a base farta da pirâmide sócio-econômica do país. Assim como afirma Angela Davis na conferência “Atravessando o tempo e construindo o futuro da luta contra o racismo”, ministrada na Universidade Federal da Bahia (UFBA), em 25 de julho de 2017, “quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”.

Acredita-se que a mesma dinâmica ocorre no escopo das letras. No momento em que indivíduos que ficaram à sombra do cânone se movem, toda a estrutura literária se move com eles. Consequentemente, há uma reorganização do sistema de maneira que a sua constituição torna-se mais inclusiva e plural. Assim, quando negros, mulheres, travestis, transexuais, indivíduos não-binários, portadores de alguma deficiência física ou mental, entre tantos outros que povoam as margens sombrias do cânone se apropriam da caneta para assumir o próprio discurso e representação sem louvar o silêncio do espaço que lhe reservam, propiciam a reestruturação de uma arte e de uma crítica que ergueram seus pilares em uma base excludente e preconceituosa e que lhe relegaram tradicionalmente a uma posição coadjuvante. Vale dizer que tal inserção não espera concessões, ela se impõe sem pedir licença. Em cotejo com a fala de Lélia González no Encontro Anual da Associação Brasileira de Pós-Graduação e Pesquisa nas Ciências Sociais (ANPOCS) na década de 80, dizemos que: “A sombra vai escrever, e numa boa!”

Portanto, a investigação segue através das narrativas de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo. A escolha se justifica na medida em que a primeira representa uma sombra que se apropria da palavra para, através da escrita de si, imprimir corporeidade e subjetivação à mulher preta e favelada. Por sua vez, a segunda figura como uma sombra que através da escrita ficcional confere

protagonismo a tipos sociais até então minimizados ou invisibilizados nas narrativas. Com o fim de embasar a teoria desenvolvida, elegemos para análise os livros *Quarto de despejo* e *Olhos d'água*, deste último prioriza-se a apreciação crítica do conto “A gente combinamos de não morrer”. Na produção de ambas, a existência da mulher negra não se mostra como uma projeção idealizada, mas sim como um sujeito ativo do mundo dotado de corpo, voz e subjetividade. Isto é, no momento em que tomam a palavra, delineiam profundidade, matizam com diversos tons de si e, desta forma, mostram a complexidade que compreende este corpo historicamente plasmado em pré-conceitos e simplificações. Elas ilustram o movimento propiciado pela escrita presente no depoimento evaristeano nomeado *Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita*, em que diz:

Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. (EVARISTO, 2007)

Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo são mulheres insubordinadas da literatura. Sobre a autora dos diários digo que é uma *Escre(vida) das letras* tendo em vista que se atreve a inscrever a própria vida ao mesmo tempo em que a vida lhe inscreve. À sua herdeira, designo que ela caça as sombras da vida na vida das sombras, uma vez que através da criação literária ela facilita a in-corpor-ação de outros sujeitos no literário de forma que possibilita a formação de imaginários distintos daqueles construídos pela tradição. Vale dizer que esta “in-corpor-ação” significa o ingresso de um corpo ativo na ficção dotado de subjetividade diferente daquele plasmado e monocromático desenhado por grande parte dos autores canônicos ou descrito pela crítica tradicional.

Esta inserção das sombras da literatura em tal arte ocorre por meio de estratégias específicas e, quando as demarco aqui, considero as autoras escolhidas para a minha análise. A primeira que assinalo é a afirmação de ambas como escritoras independente da comprovação desta identidade pelo olhar do outro ou de corresponderem, ou não, à imagem construída ao redor de tal figura. Digo, elas não aguardam as circunstâncias perfeitas de um teto todo seu e uma renda anual para se afirmarem como sujeitos da escrita, nem a designação do título de escritora para acreditarem nos seus escritos e não declinam diante da negativa das editoras para a publicação de seus livros. Mesmo antes de chamar atenção de Audálio Dantas para os seus cadernos, Carolina Maria de Jesus não manifesta dúvida a respeito da sua posição como literata. De igual maneira, Conceição Evaristo custeia as primeiras edições dos seus livros quando o mercado os recusa. Elas acreditam, acima de tudo, em si e na matéria que narram. O sucesso de recepção se traduz no êxito de vendas no país, na

recepção positiva da crítica e dos leitores e nas traduções diversas que tornam os textos acessíveis para o público estrangeiro.

O segundo aspecto de relevância é a adoção de uma perspectiva periférica. Carolina Maria de Jesus sutura cidade e favela com um olhar embebido não apenas pelo quarto de despejo do urbano, mas também pelas margens daquele espaço. Cito a autora: “Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais” (JESUS, 2014, p.54). De igual maneira, no texto evaristeano, as personagens estão na favela, no chão da rua, na cozinha da casa e em outras zonas periféricas que permitem olhar o centro a partir de um ângulo diverso. Lembro aqui dos contos “Ana Davenga”, “Duzu-Querença” e “Maria” protagonizados por mulheres que habitam as áreas periféricas e, neste espaço, dão vida aos seus dramas pessoais. Acredita-se que as beiras sombrias de uma região revelam tanto quanto os seus centros iluminados, pois a partir da esfera do umbroso é possível ver os contrastes presentes onde reina o luzente.

O terceiro âmbito de destaque é a formação de escritas que atravessam a experiência de um corpo no mundo. Na análise em questão, a literatura gerada a partir da vivência de mulheres negras que pertencem a classe econômica baixa em uma sociedade racista, machista e classista. Não há uma pretensão de isentar o texto das marcas da pele em que habitam. As duas autoras trazem para as letras as dores e delícias de suas identidades. Conforme Conceição Evaristo expressa no artigo intitulado *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*, oriundo das teorias desenvolvidas em sua tese de doutorado, a escrita da mulher negra nasce de um corpo preto permeado pelas autorizações e proibições de sua performance na sociedade em que se manifesta. (EVARISTO, 2009)

Finalmente, o quarto ponto trata da insubordinação de ambas seja no que se refere ao conteúdo do texto ou ao seu registro. Relativo a este caráter, afirma-se que as escritas carolineana e evaristeanas transbordam os limites dos temas e das formas estabelecidos. Sobre a matéria narrada, há, conforme anteriormente dito, um olhar crítico originário do âmbito sombrio que expressa sem censuras ou filtros um realismo que por si nos tenciona. Em *Quarto de despejo*, as reflexões sobre a existência, a política, a economia e a sociedade se alternam com descrições poéticas datadas entre dias nem sempre sucessivos que ora se alargam por mais de uma página ora se resumem a poucas linhas. Já em *Olhos d'água* o leitor se confronta com a imagem de Duzu-Querença lambendo os dedos de gordura no início do conto e o clamor do jovem Dorvi em meio ao tiroteio dizendo “A gente combinamos de não morrer”. A beleza da narrativa está nos perfumes e fedores de um cenário caótico e se expressa como a flor de lótus que nasce da lama, realçando a beleza de si e da massa umbrosa que lhe dá vida.

A respeito da insubordinação ortográfica, nota-se que ela ocorre de maneira diferente na obra

de ambas as autoras. A escolaridade formal de Carolina Maria de Jesus é escassa e não é raro encontrar nos seus diários inadequações nas normas que enquadram a escrita culta da língua portuguesa. No entanto, atenta-se para o fato de que ela não desiste da escrita por conta da limitação no que tange a sua habilidade de expressão em tais regras. Ela corta a norma com palavras agudas, sangrando em significados, e faz com que o leitor se adeque à forma através da qual se comunica. Conceição Evaristo, por sua vez, doutorou-se em Letras. Quando se insubordina diante de tais ordens, o faz como um recurso estético. Ilustro, mais uma vez, com a frase de Dorvi que dá nome ao conto “A gente combinamos de não morrer”. A falta de concordância revela a variação linguística presente no português falado no Rio de Janeiro e também prenuncia a falta de sincronia presente entre o intrínseco daqueles sujeitos e suas ações. A autora mineira não se submete às normas mesmo conhecendo-as e usa este saber como um recurso estilístico para a construção do seu texto.

Apresentadas de forma bastante resumida, estas estratégias demonstram os meios pelos quais aquelas que outrora figuravam, em grande parte, apenas como projeções da literatura se apropriam da escrita e se inserem como sujeitos desta arte. Em número crescente, elas se impõem como autoras e conferem corpo e subjetividade a tipos sociais simplificados ou ignorados pelo cânone e pela crítica. À proporção que ingressam neste universo, motivam outras sombras a assumirem a própria representação. Desta forma, contribuem para uma construção de uma Literatura Brasileira mais plural e inclusiva e uma reconfiguração do que se constituiu historicamente como literariedade. Esta dinâmica se realiza de forma horizontal e colaborativa tal como a filosofia Ubuntu que dita “eu sou porque nós somos” e não de maneira vertical e excludente. Assim, as sombras da literatura assumem a própria representação, tornam-se corpo do universo literário e mostram que todos temos direito à literatura, tal como defende o crítico Antonio Candido.

Referências

ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. Tradução de Ítalo Eugenio Mauro. São Paulo: Editora 34, 2014.

BRUEL, Christian; GALLAND, Anne. *A história de Júlia e sua sombra de menino*. Tradução de Álvaro Faleiros. São Paulo: Scipione, 2010.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo horizonte: Editora Itatiaia Ltda., 1999.

_____. *Literatura e sociedade: Estudos de Teoria e História Literária*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014.

CARVALHO, José Murilo de. "O encobrimento do Brasil." São Paulo: Folha de São Paulo, 03 de outubro de 1999. FSP 3-10-99. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fof/brasil500/dc_6_4.htm.

CASATI, Roberto. *A descoberta da sombra: De Platão a Galileu, a história de um enigma que fascina a humanidade*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CESAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Tradução de Noémia de Sousa. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

CHAMISSO, Adelbert von. *A história maravilhosa de Peter Schlemihl*. Tradução de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Estação liberdade, 1989.

CHAMISSO; HOFFMAN; GOGOL; ANDERSEN – *Contos dos homens sem sombra*. Lisboa: Editorial estampa, 2003.

CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

DAVIS, Angela. Angela Davis: Construindo o futuro da luta contra o racismo. Transcrição de Naruna Costa. Blog da Boitempo, 28 de julho de 2017. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2017/07/28/angela-davis-construindo-o-futuro-da-luta-contra-o-racismo/>

EVARISTO, Conceição. Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio! [13 de maio, 2017]. São Paulo: *Carta Capital*. Entrevista concedida à Djamila Ribeiro.

_____. Da grafia-desenho da minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

_____. Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. In *Scripta*, v. 13, n. 25. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2009.

_____. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2003

GONZÁLEZ, Lélia. "Racismo e sexismo na cultura brasileira". In: SILVA, L. A. et al. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. *Ciências Sociais Hoje*, Brasília, ANPOCS n. 2, p. 223-244, 1983.

HAUPT, Sabine. La sombra en la literatura moderna. Un pequeño panorama. In: Victor I. Stoichita (Org.): *Para una historia cultural de la sombra*. Madrid 2010, S. 59-102.

hooks, bell. Intelectuais negras. *Estudos feministas*, Florianópolis, v. 3, n.2, p. 464-478, ago./dez. 2005

_____. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2014.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política: Livro 1: o processo de produção do capital*; Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. *A sagrada família, ou, A crítica da Crítica crítica contra Bruno Bauer e consortes* / Karl

- Marx e Friedrich Engels ; tradução, organização e notas de Marcelo Backes. São Paulo : Boitempo, 2011.
- PANOFSKY, Erwin. *La perspectiva como forma simbólica*. Tradução Virginia Careaga. Barcelona: Tusquets Editores, 2003.
- PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- PEREGALLI, Enrique. *A América que os europeus encontraram*. São Paulo: Atual, 1994
- PIZARNIK, Alejandra. *Poesía completa*. Buenos Aires: Editorial Lumen, 2014.
- PLATÃO. *A República*. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Col. Os Pensadores)
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires, Colección Sur Sur, 2005a, pp.118-142.
- QUILOMBHOJE. *Reflexões sobre a literatura afro-brasileira*. São Paulo: Conselho de Participação e desenvolvimento da Comunidade Negra, 1985
- SANTOS, Joel Rufino dos. *Carolina Maria de Jesus: um escritora improvável*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- STOICHITA, Victor I. *Breve historia de la sombra*. Tradução de Anna Maria Coderch. Madrid: Siruela, 1999.
- TANIKAZI, Junichiro. *Em louvor da sombra*. Tradução de LeikoGotoda. São Paulo: Companhia da Letras, 2007.
- TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: a questão do outro*. Tradução de Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- WOOLF, Virgínia. *Um teto todo seu*. Tradução de Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.